





# Five Nights at Freddy's

VOLUME 2

## OS DISTORCIDOS

SCOTT CAWTHON  
KIRA BREED WRISLEY

TRADUÇÃO DE RAFAEL MIRANDA



Copyright © 2017 by Scott Cawthon  
Publicado mediante acordo com Scholastic Inc., 557 Broadway,  
New York, NY 10012, USA.

TÍTULO ORIGINAL  
Five Nights at Freddy's: The Twisted Ones

REVISÃO  
Rayana Faria  
Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Julio Moreira | Equatorium Design

IMAGEM DE CAPA  
© 2017 Scott Cawthon

ARTE DE CAPA  
Rick DeMonico

VINHETA ESTÁTICA DE TV  
© Klick/Dreamstime

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C376d  
Cawthon, Scott, 1971-  
Os distorcidos / Scott Cawthon, Kira Breed-Wrisley ; tradução  
Rafael Miranda. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.  
288 p. : il. ; 21 cm. (Five nights at freddy's ; 2)

Tradução de: The twisted ones  
Sequência de: Olhos prateados  
ISBN 978-85-510-0302-2

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Breed-Wrisley, Kira. II.  
Miranda, Rafael. III. Título. IV. Série.

17-46905 CDD: 028.5  
CDU: 087.5

[2018]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*1ª edição* MARÇO DE 2018  
*impressão* LIS GRÁFICA  
*papel de miolo* PÓLEN SOFT 80G/M<sup>2</sup>  
*papel de capa* CARTÃO SUPREMO ALTA ALVURA 250G/M<sup>2</sup>  
*tipografia* BEMBO





# CAPÍTULO UM

— Não confiem nos seus olhos.

A professora Treadwell andava de um lado para o outro no tablado do auditório. Seus passos eram lentos e ritmados, quase hipnóticos.

— Nossos olhos nos enganam o tempo todo ao preencherem as lacunas de um mundo sobrecarregado sensorialmente. — Uma imagem com detalhes geométricos vertiginosos iluminou a tela atrás dela. — Quando digo “sobrecarregado sensorialmente”, é em um sentido quase literal. O tempo todo, os sentidos recebem bem mais informações do que são capazes de processar, e a mente é obrigada a escolher a quais sinais dar atenção. Ela faz isso com base nas nossas experiências e expectativas em relação ao que consideramos normal. Na maior parte do tempo, podemos ignorar o que nos é familiar. O exemplo mais claro disso é a fadiga olfativa: deixamos de perceber um cheiro quando passamos certo

tempo expostos a ele. E temos muito a agradecer por esse fenômeno, dependendo de quem for nosso colega de quarto.

Como que por obrigação, a classe deu risadinhas, mas logo se calou quando a imagem de outra figura multicolorida piscou na tela.

A professora esboçou um sorriso.

— Quando não há movimento, a mente cria. Ela preenche cores e trajetórias com base no que já vimos, e assim calcula o que *deveríamos* estar vendo. — Outra imagem surgiu. — Se a mente não fizesse isso, um ato simples como ver uma árvore num passeio ao ar livre consumiria toda a nossa energia mental, deixando-nos sem recursos para qualquer outra coisa. Para que possamos funcionar no mundo, a mente preenche os espaços daquela árvore com seus próprios galhos e folhas.

Centenas de lápis rabiscaram ao mesmo tempo, lotando o anfiteatro com um som de patas de rato arranhando o chão.

— É por isso que vivenciamos uma sensação momentânea de atordoamento quando entramos pela primeira vez em uma casa. A mente está recebendo mais estímulos do que de costume. Está desenhando a planta da casa, criando uma nova paleta de cores e registrando um inventário de imagens aos quais recorrer mais tarde para que não tenhamos que passar sempre por essa exaustiva assimilação. Na próxima vez em que entrarmos na mesma casa, já saberemos onde estamos.

— *Charlie!* — sussurrou uma voz exasperada a centímetros do seu ouvido.

Charlie continuou escrevendo. Não tirava os olhos do monitor bem na frente do anfiteatro. À medida que prosseguia, a

professora Treadwell acelerava o passo e apontava para a tela vez ou outra para ilustrar algum argumento. O raciocínio parecia andar lá na frente, deixando as palavras para trás. Já no segundo dia de aula, Charlie notara que a professora interrompia uma explicação para concluir um pensamento completamente diferente. Era como se sua mente estivesse sempre lendo um texto, e a mulher acabasse soltando uma palavra aqui e outra ali. A maioria dos alunos da turma de robótica achava aquilo irritante, mas Charlie gostava. Assistir àquelas aulas era como montar um quebra-cabeça.

A tela tornou a piscar, dessa vez com várias partes mecânicas e o diagrama de um olho.

— É isso que vocês vão ter que recriar. — A professora Treadwell se afastou da tela e se virou para olhá-la junto com os alunos. — A inteligência artificial básica é toda controle sensorial. Vocês não vão trabalhar com uma mente capaz de filtrar tudo isso sozinha. Vai ser preciso elaborar programas que reconheçam formas básicas à medida que descartem informações irrelevantes. Quero que façam para o robô de vocês o que nossa mente faz para nós. Criem um conjunto de informações simplificado e organizado que se baseia no que é relevante. Vamos começar dando uma olhada em alguns exemplos de reconhecimento de formas básicas.

— *Charlie* — sibilou de novo a voz, e a jovem, impaciente, balançou o lápis para a figura que se esgueirava por cima de seus ombros, seu amigo Arty, tentando enxotá-lo.

O gesto lhe custou alguns instantes, deixando-a meio passo atrás da professora. Mas Charlie se apressou para alcançá-la, ansiosa para não perder nenhuma informação.

O papel à sua frente estava coberto de fórmulas, anotações nas margens, rabiscos e diagramas. Ela queria dar conta de tudo de uma só vez: não só da matemática, mas de tudo que aquilo lhe trazia à mente. Se conseguisse relacionar as informações novas ao que já sabia, assimilaria a matéria com muito mais facilidade. Charlie estava faminta e alerta, aguardando cada novo pedacinho de informação como um cão debaixo da mesa de jantar.

Um garoto quase na primeira fila levantou a mão para fazer uma pergunta, e Charlie sentiu um breve arroubo de impaciência. A classe inteira teria que esperar enquanto Treadwell explicava novamente um conceito simples. Charlie deixou a mente vagar e, desatenta, ficou rabiscando a margem da folha.

John estaria ali em uma hora, e ela olhava inquieta para o relógio. *Falei para ele que talvez nos víssemos de novo algum dia. Acho que esse algum dia vai ser hoje.* Ele tinha ligado do nada: “Vou dar uma passadinha aí.” E Charlie não se deu ao trabalho de perguntar como ele sabia onde ela estava. *Claro que ele saberia.* Não havia por que não encontrá-lo, e ela se viu em parte animada, em parte em pânico. Naquele momento, com a mente longe, rabiscando retângulos por toda a página, seu estômago revirava, num pequeno espasmo de coragem. Parecia que havia se passado uma vida inteira desde a última vez que tinha visto John. Às vezes, parecia que se passara só um dia, e não um ano. Mas a verdade era que, mais uma vez, tudo mudara para ela.

No último mês de maio, na noite do seu aniversário de dezoito anos, os sonhos haviam começado. Fazia muito tempo que Charlie se acostumara a ter pesadelos, os piores momentos do seu passado voltando à tona na forma de terríveis memórias

distorcidas que nunca deveriam ter retornado. Pela manhã, ela empurrava aqueles sonhos para os confins da própria mente e os trancava lá, sabendo que só irromperiam quando a noite voltasse a cair.

Mas esses sonhos eram diferentes. Quando acordava, Charlie se sentia fisicamente exausta: não apenas esgotada, mas dolorida, os músculos fracos. Suas mãos ficavam tensas e com dores, como se tivesse passado horas com os punhos cerrados. Não acontecia toda noite, mas algumas vezes esses sonhos interrompiam seus pesadelos habituais. Às vezes estava correndo desesperada para salvar a própria vida ou perambulando sem rumo por uma tediosa combinação de vários lugares por onde passara durante a semana. De repente, do nada, ela sentia: Sammy, seu gêmeo perdido, estava por perto.

A presença de Sammy era tão certa quanto a sua própria, e, não importava no meio de qual sonho ela estivesse antes, tudo se esvaía: pessoas, lugares, luz e som. Charlie se via procurando pelo irmão na escuridão, chamando seu nome. Ele nunca respondia. Ela se abaixava e engatinhava, tateando o caminho às cegas, deixando que a presença dele a guiasse até uma barreira. Era lisa e fria, de metal. Charlie não conseguia vê-la, mas a golpeava, e o som repercutia. “Sammy?”, chamava, socando mais forte. Charlie se levantava e se esticava tentando escalar a barreira, mas a superfície escorregadia era muito alta. A garota socava a barricada até que seus punhos doessem. Gritava o nome do irmão até perder a voz, depois, encostada no metal sólido, descia ao chão, pressionando a bochecha na superfície fria e torcendo para ouvir algum sussurro do outro lado. Charlie podia senti-lo como se Sammy fizesse parte dela.

Nos sonhos, ela sabia que ele estava ali. Mas o pior era que, quando acordava, não o encontrava.

Em agosto, Charlie e a tia Jen tinham brigado pela primeira vez na vida. As duas sempre mantinham certa distância que as impedia de chegar a discutir. Charlie nunca sentia necessidade de se rebelar, porque Jen não era autoritária e nunca levava para o lado pessoal nada que a sobrinha fizesse. Contanto que a garota estivesse segura, Jen não a proibia de fazer nada. No dia em que Charlie foi morar com ela, aos sete anos, tia Jen disse com todas as letras que não era uma substituta dos seus pais. Depois de crescida, Charlie compreendeu que aquilo era um gesto de respeito à memória do pai, um lembrete de que ela sempre seria a filha dele. Na época, porém, as palavras pareceram um aviso: *Não espere que eu faça papel de mãe. Não espere amor.* E foi o que Charlie fez. Jen nunca havia sido negligente. A garota jamais passou fome ou ficou sem ter o que vestir, e Jen lhe ensinou a cozinhar, a cuidar da casa, a administrar o dinheiro e a consertar o próprio carro. *Você precisa ser independente, Charlie. Precisa saber se cuidar. Você tem que ser mais forte do que...* Ela nunca concluía a frase, mas Charlie sabia o que ela queria dizer: *do que seu pai.*

Charlie balançou a cabeça e tentou afastar esses pensamentos.

— O que houve? — perguntou Arty, ao lado dela.

— Nada.

Charlie passou o lápis outras tantas vezes por cima das mesmas linhas: para cima, de novo, para baixo, de novo, o grafite se desgastando e o traço ficando cada vez mais forte.

Quando Charlie revelara que voltaria para Hurricane, o rosto da tia tinha se petrificado, e a pele, empalidecido.

“Por que você faria uma coisa dessas?”, questionara ela com um tom de voz perigosamente calmo.

O coração de Charlie tinha acelerado.

*Porque foi lá que eu o perdi. Porque preciso mais dele do que de você.* A ideia de voltar vinha atormentando-a havia meses, ganhando força a cada semana. Certo dia, ela acordou e a escolha tinha sido feita, ganhado forma, se instalado com solidez em sua mente.

“A Jessica vai fazer faculdade em St. George”, contou para a tia. “Ela vai começar no verão, então vou poder ficar com ela enquanto estiver lá. Quero ver a casa de novo. Ainda tem tanta coisa que não entendo. Acho... importante”, concluiu, a voz fraquejando, morrendo conforme os olhos de Jen, azul-escuros como bolas de gude, a encaravam.

Depois de um longo silêncio, enfim, Jen respondeu: “Não.”

*Por que não?*, talvez, em outros tempos, Charlie tivesse questionado. *Você me deixou ir da última vez.* Mas, depois dos acontecimentos do ano anterior, quando ela, Jessica e os outros voltaram à Freddy’s e descobriram a verdade horripilante por trás dos assassinatos na antiga pizzaria do pai, as coisas haviam mudado entre as duas. Charlie havia mudado. Então, determinada, a menina desafiou o olhar da tia.

“Eu vou”, afirmou, tentando não gaguejar.

Foi quando tudo explodiu.

Charlie não sabia qual das duas tinha começado a gritar primeiro, mas gritou até ficar com a garganta ardendo, despejando de volta todas as dores que a tia já lhe infligira, todas as feridas que a mulher não conseguira evitar. Jen rebateu aos berros que sua intenção sempre fora cuidar de Charlie e que sempre dera o

máximo de si, lançando palavras reconfortantes que, de alguma forma, escorriam veneno.

“Estou indo embora!”, gritou Charlie, resoluta, e a caminho da porta, Jen segurou-a pelo braço e puxou-a com violência. Charlie tropeçou e quase caiu, mas se apoiou na mesa da cozinha. Diante disso, Jen, chocada, soltou o braço da sobrinha. Um silêncio se instaurou, e Charlie saiu.

Com a sensação de que tinha se desligado da realidade e entrado num mundo paralelo impossível, a garota arrumou a mala, entrou no carro e foi embora. Não contou para ninguém. Não tinha nenhum amigo próximo ali. Ninguém a quem dar satisfação.

Quando chegasse a Hurricane, a intenção era ir direto para a casa do pai e ficar por lá alguns dias, até sua amiga Jessica chegar ao campus. Mas, assim que se viu nos limites da cidade, algo a deteve. *Não posso*, pensou. *Não posso voltar nunca mais*. Deu meia-volta, foi para St. George e passou uma semana dormindo no carro.

Foi só quando bateu à porta do alojamento e Jessica a recebeu com cara de espanto que Charlie se deu conta de que não chegara a mencionar seus planos para a amiga, de quem tudo dependia. Ela então contou o que tinha acontecido, e Jessica, embora hesitante, lhe ofereceu abrigo. Charlie passou o resto do verão dormindo no chão e, mesmo com o próximo semestre se aproximando, Jessica não pediu que ela fosse embora. “É bom ter alguém aqui que me conhece”, disse.

Contrariando toda a sua natureza, Charlie a abraçou.

Charlie nunca tinha sido muito fã do ensino médio. Não era de prestar muita atenção nas aulas, mas tirava notas boas. Nunca havia parado para pensar se gostava ou não das matérias, mas

às vezes um ou outro professor conseguia despertar nela uma fagulha de interesse durante o ano.

Não tinha muitos planos para quando o verão acabasse, mas, ao folhear despreziosamente o guia de cursos de Jessica e encontrar disciplinas de robótica avançada, algo se encaixou. St. George era uma das faculdades em que ela havia sido aceita no início daquele ano, embora não tivesse intenção de se matricular em nenhuma. Mas, naquele momento, ela foi até a secretaria e pleiteou sua vaga até receber autorização para se matricular, mesmo que o prazo tivesse acabado havia meses. *Ainda tem tantas coisas que eu não entendo.* Charlie queria aprender, e tinha interesse por tópicos bem específicos.

Claro que ela precisaria estudar um pouco para se preparar para um curso de robótica. Matemática sempre fora algo objetivo, funcional, uma espécie de jogo para Charlie. Era só fazer o que tinha que ser feito e obter a resposta. No entanto, nunca tinha sido um jogo lá muito interessante. Era divertido aprender algo novo, mas aprender consistia em praticar por semanas ou meses a fio, até morrer de tédio. Bem-vinda ao ensino médio. Mas na primeira aula de cálculo, algo acontecera. Era como se ela tivesse passado anos empilhando tijolos, presa a um trabalho lento, sem enxergar nada além da argamassa e da espátula. De repente, então, alguém a puxou e disse: “Olha só, você estava construindo este castelo. Agora vai brincar lá dentro!”

— Por hoje é só — concluiu a professora Treadwell.

Charlie olhou para o papel e percebeu que não havia parado de mover o lápis em momento algum. As linhas escuras tinham perfurado a folha, e ela riscava a carteira. Com a manga da camisa, esfregou as marcas sem muito empenho e abriu o fichário

para guardar as anotações. Arty espiou por cima dos ombros de Charlie, que fechou o fichário depressa, mas não adiantou.

— O que é isso, um código secreto? Arte abstrata?

— É só matemática — retrucou ela, um tanto seca, guardando o caderno na bolsa.

Arty era bonitinho de um jeito bobo. Tinha um rosto simpático, olhos escuros e um cabelo castanho encaracolado que parecia ter vida própria. Das quatro matérias que ela fazia, três eram com ele, que, desde o começo do semestre, a seguia por toda parte feito um patinho rejeitado. Para sua surpresa, ela se deu conta de que não se incomodava com aquilo.

Quando Charlie ia saindo do auditório, Arty, como de costume, juntou-se a ela.

— E aí, decidiu sobre o projeto?

— Projeto? — Charlie se lembrava vagamente de um projeto que ele queria fazer com ela.

Arty assentiu, esperando que a ficha caísse.

— Não lembra? Temos que bolar um experimento para a aula de química. Pensei que podíamos fazer juntos. Sabe como é, com a sua inteligência e o meu rostinho bonito... — Ele sorriu.

— É, sei lá... Na verdade, eu preciso encontrar uma pessoa mais tarde.

— Você nunca se encontra com ninguém — observou ele, surpreso e enrubescendo no momento que deixou escapar aquilo. — Não foi bem isso que eu quis dizer. Não que seja da minha conta, mas, quem é? — perguntou o garoto, abrindo um enorme sorriso.

— John — respondeu Charlie, sem mais explicações.

Por um momento, Arty pareceu cabisbaixo, mas logo voltou ao normal.

— Ah, claro, John. Deve ser um cara maneiro — provocou. Ávido por detalhes, Arty ergueu as sobrancelhas, mas Charlie não disse nada. — Eu não sabia que você... Que você tinha... Que legal! — O garoto cuidadosamente tentou disfarçar a fisionomia.

Charlie olhou para ele, confusa. Sua intenção não tinha sido dar a entender que ela e John eram um casal, mas ela também não sabia como corrigir. Para explicar quem John era, precisaria revelar a Arty bem mais do que queria.

Os dois caminharam em silêncio pelo pátio principal da faculdade, uma pracinha gramada cercada por vários edifícios de tijolos e concreto.

— Então... o John é da sua cidade? — perguntou Arty, por fim.

— Minha cidade fica a trinta minutos de distância. Isso aqui é basicamente uma extensão de lá. Mas, sim, ele é de Hurricane.

Arty hesitou e depois chegou perto dela, espiando ao redor como se alguém pudesse estar escutando.

— Eu sempre quis perguntar uma coisa.

Charlie lançou um olhar exausto para o garoto. *Não pergunte.*

— Tenho certeza de que as pessoas vivem perguntando isso, mas, sabe como é, você não pode me julgar por ficar curioso. Aquele troço dos assassinatos já meio que virou uma lenda urbana por aqui. Quer dizer, não só por aqui. Em todo lugar. A Pizzaria Freddy Fazbear's...

— Nem começa. — De repente, a expressão de Charlie ficou congelada.

Parecia que mexer o rosto exigiria uma habilidade que ela já não tinha mais. O semblante de Arty também tinha mudado. Seu sorriso fácil se esvaíra. O garoto estava quase apavorado. Charlie desejou ter controle facial naquele momento para morder o lábio.

— Eu era muito pequena quando tudo aconteceu — disse ela, com calma. Arty assentiu, rápido e sentindo-se desconfortável. Charlie abriu um sorriso forçado. — Tenho que encontrar com a Jessica agora.

*Tenho que me livrar de você.*

Arty tornou a assentir como se fosse um boneco. Ela se virou e saiu em direção ao dormitório, sem olhar para trás.

Charlie piscou à luz do sol. Flashes do que acontecera no ano anterior na Freddy's a bombardeavam; fragmentos de memória puxando suas roupas como dedos frios de ferro. *O gancho afiado, pronto para atacar, sem deixar escapatória. Um vulto no fundo do palco, o pelo vermelho emaranhado escondendo muito mal o esqueleto metálico da criatura assassina. Ela ajoelhada nos ladrilhos frios do piso do banheiro na escuridão, e, em seguida, aquele olho gigante de plástico duro encarando-a pela fresta, o miasma quente do hálito sem vida em seu rosto.* E a outra memória, mais antiga: *o pensamento que lhe causava dores indescritíveis, a angústia preenchendo-a como se tivesse sido injetada em seus ossos. Ela e Sammy, sua outra metade, seu irmão gêmeo, brincando no aconchego familiar do depósito de fantasias. Então, o vulto apareceu à porta, olhando para eles. Em seguida, Sammy desapareceu, e o mundo acabou pela primeira vez.*

Charlie deu por si quando já estava na porta do quarto, quase sem saber como tinha chegado ali. Lentamente, tirou as chaves do bolso e entrou. As luzes estavam apagadas. Jessica ainda não

tinha voltado da aula. Charlie fechou a porta, checando o trinco duas vezes, e se encostou nela. Respirou fundo. *Agora acabou.* Resoluta, ela se recompôs e acendeu a luz, inundando o quarto com uma iluminação crua. Segundo o relógio ao lado da cama, tinha ainda pouco menos de uma hora antes que John chegasse; daria para trabalhar um pouco em seu projeto.

Após a primeira semana morando juntas, Charlie e Jessica dividiram o quarto com fita adesiva. Jessica havia sugerido aquilo em tom de brincadeira, disse que tinha visto num filme, mas Charlie abriu um sorriso e a ajudara a tirar as medidas. Sabia que Jessica estava desesperada para manter a bagunça de Charlie bem longe. O resultado era um quarto que parecia uma foto de “antes e depois” usada como propaganda de um serviço de faxina ou de uma arma nuclear, dependendo do lado que fosse visto primeiro.

Na escrivaninha de Charlie, uma fronha cobria duas formas indistintas. Ela foi até lá, pegou a fronha, dobrou com cuidado e a colocou na cadeira. Em seguida, deu uma olhada no projeto.

— Olá — disse com carinho.

Dois rostos mecânicos estavam apoiados em estruturas de metal e presos a uma tábua comprida. As feições eram indistintas, como estátuas velhas desgastadas pela chuva ou esculturas de argila fresca ainda sendo esculpida. Eram de plástico maleável e, na parte de trás das cabeças, havia circuitos, microchips e fios.

Charlie olhou de perto, examinando cada milímetro, para certificar-se de que tudo estava como ela tinha deixado. A garota apertou um pequeno interruptor preto, e então luzinhas piscaram e minúsculas ventoinhas começaram a zumbir.

Os objetos não se moveram a princípio, mas houve uma alteração. As feições vagas assumiram uma expressão. Seus olhos cegos não se viraram para Charlie, mas de um para o outro.

— Você — falou o primeiro.

Os lábios se moveram, mas não chegaram a se abrir. Não foram feitos para isso.

— Eu — respondeu o segundo, fazendo o mesmo movimento suave e travado.

— Você é — disse o primeiro.

— Eu sou? — indagou o segundo.

Charlie observava, a mão pressionando a boca. Com medo de incomodá-los, prendeu a respiração. Esperou, mas ao que tudo indicava os rostos tinham terminado e, àquela altura, estavam apenas se olhando. *Eles não enxergam*, Charlie repetiu para si mesma. Desligou-os e girou a tábua para ver a parte de trás. Enfiou a mão na estrutura e ajustou um fio.

Então se assustou ao ouvir o som de uma chave na fechadura. Pegou a fronha e cobriu os rostos enquanto Jessica entrava no quarto. A amiga parou à porta com um sorriso no rosto.

— O que foi isso? — perguntou.

— O quê? — indagou Charlie, desconversando.

— Ah, vai... Eu sei que você estava trabalhando naquele troço que nunca me deixa ver. — Jessica largou a mochila no chão e se jogou dramaticamente na cama. — Ah, quer saber? Deixa pra lá, estou exausta! — anunciou. Charlie deu uma gargalhada, e a amiga se sentou. — Mas me conta. O que está rolando entre você e o John?

Charlie se sentou na própria cama, de frente para Jessica. Apesar de terem estilos de vida muito diferentes, ela estava gostando

da experiência de morar com a amiga. Jessica era carinhosa e inteligente, e embora Charlie continuasse um pouco intimidada pela leveza com que a colega encarava o mundo, já se sentia parte daquilo. Talvez ser amiga de Jessica significasse absorver um pouco de sua confiança.

— Ainda não me encontrei com ele. Tenho que sair em... — Por cima do ombro de Jessica, deu uma espiada no relógio. — Quinze minutos.

— Você está animada? — perguntou a amiga.

Charlie deu de ombros.

— Acho que sim.

Jessica riu.

— Acha?

— Estou. Estou, sim — admitiu Charlie. — É que já faz tanto tempo.

— Nem tanto — insistiu Jessica, e então pareceu pensativa. — Não, na verdade acho que faz mesmo. Tudo está tão diferente desde a última vez que você o viu.

Charlie pigarreou.

— Quer dizer que você quer mesmo ver o meu projeto? — indagou ela, surpreendendo-se.

— Quero! — exclamou Jessica, saltando da cama. Animadas, as duas foram até a escrivaninha, e Charlie apertou o interruptor, puxando a franha num movimento pomposo, como se estivesse fazendo um truque de mágica. Jessica arfou e, involuntariamente, deu um passo para trás. — O que é isto? — perguntou, a voz cheia de cautela.

Mas, antes que Charlie pudesse responder, o primeiro rosto falou:

— Eu.

— Você — respondeu o outro, e ambos tornaram a ficar em silêncio.

Charlie olhou para Jessica. A amiga tinha um semblante aflito, como se estivesse contraindo o corpo todo.

— Eu — falou o segundo rosto.

Charlie se apressou para desligá-los.

— Por que está com essa cara?

Jessica respirou fundo e sorriu.

— É só porque ainda não almocei — respondeu, mas havia algo em seus olhos.

Jessica observou Charlie cobrir os rostos novamente com todo o carinho, como se colocasse uma criança para dormir. Desconfortável, deu uma olhada no quarto. A metade de Charlie era um desastre: roupas e livros espalhados por toda parte, mas também havia os fios e as peças de computador, ferramentas, parafusos e pedaços de plástico e metal que Jessica não sabia identificar, tudo amontoado. Não era só uma bagunça, era um emaranhado caótico onde qualquer coisa poderia se perder. *Ou se esconder*, ela concluiu, com uma pontada de culpa por ter pensado aquilo. Jessica se voltou para Charlie.

— Você está programando esses rostos para que façam o quê?  
— perguntou Jessica, e Charlie sorriu, orgulhosa.

— Não estou programando para que eles façam nada, na verdade. Estou ajudando-os a aprender sozinhos.

— Certo, claro. Óbvio — concordou Jessica devagar, quando algo chamou sua atenção: dois olhos reluzentes de plástico e orelhas compridas de pelúcia se destacavam em meio a uma pilha de roupa suja.

— Ei, nunca tinha reparado que você trouxe seu coelhinho robô, o Theodore! — exclamou, contente por ter lembrado o nome do brinquedo de infância de Charlie.

Antes que a amiga tivesse tempo de responder, Jessica puxou o bicho de pelúcia pelas orelhas... e quando viu estava segurando apenas uma cabeça.

Jessica deu um gritinho e largou o coelho, tapando a boca.

— Desculpa! — disse Charlie, pegando a cabeça do bichinho no chão. — Eu o desmontei para estudá-lo. Estou usando algumas peças dele no meu projeto. — Ela apontou para o troço na escrivaninha.

— Ah... — respondeu Jessica, tentando ao máximo disfarçar o choque.

Ela olhou ao redor e, de repente, notou que havia partes do coelho por todos os lados. O rabinho, que era uma bolota de algodão, estava no travesseiro de Charlie, a perna, pendurada na luminária da escrivaninha. O torso tinha caído num canto, quase imperceptível, dilacerado. Jessica olhou para o rosto da amiga, redondo, alegre, e seu cabelo castanho desgrenhado na altura do ombro, e fechou os olhos por um momento.

*Ai, Charlie, qual é o seu problema?*

— Jessica? — Charlie chamou-a. A amiga tinha uma expressão de dor. — Jessica? — Dessa vez, Jessica abriu os olhos e deu um sorriso inesperado e radiante para Charlie, jorrando alegria.

Era desconcertante, mas Charlie já tinha se acostumado.

Jessica piscou com força, como se estivesse reiniciando o próprio cérebro.

— Então? Nervosa para ver o John?

Charlie pensou por um instante.

— Não. Quer dizer, por que eu deveria estar? É só o John, não é? — Charlie tentou rir, mas desistiu. — Jessica, eu não sei o que falar! — soltou ela, de repente.

— Como assim?

— Não sei o que falar *com ele!* Se ficarmos sem assunto, vamos começar a falar sobre... o que aconteceu ano passado. E eu simplesmente não consigo.

— Certo. — Jessica pareceu pensativa. — Talvez ele não toque nesse assunto — conjecturou.

Charlie suspirou, voltando a olhar com ansiedade para seu experimento encoberto.

— Duvido. É a única coisa que temos em comum. — Ela desabou na cama e se deitou.

— Charlie, você não é obrigada a nada — disse Jessica, gentilmente. — Cancelar o encontro é sempre uma opção. Mas duvido que o John vá colocar você em uma saia justa. Ele gosta de você. Acho que não está preocupado com o que aconteceu em Hurricane.

— Como assim?!

— Eu só quis dizer que... — Com todo o cuidado, Jessica afastou uma pilha de roupa suja, se sentou ao lado de Charlie e pôs a mão no joelho da amiga. — Só quis dizer que talvez esteja na hora de *vocês dois* superarem isso. E acho que é o que John está tentando fazer.

Charlie virou o rosto e se voltou para a cabeça de Theodore, que estava de cara no chão. *Superar? Não sei nem por onde começar a fazer isso.*

Jessica falou de um jeito mais delicado:

— Você não pode mais viver em função do que aconteceu.

— Eu sei. — Charlie suspirou, e então decidiu mudar de assunto: — Aliás, como foi a sua aula?

Charlie esfregou os olhos, torcendo para que Jessica entendesse a mensagem.

— Incrível. — Jessica se levantou e se alongou, como quem não quer nada, curvando-se para tocar os dedos dos pés, dando a Charlie a chance de se recompor. Quando Jessica se levantou, a amiga estava de volta a si com um sorriso radiante. — Você sabia que cadáveres podem ser preservados em pântanos de turfas, que nem múmias?

Charlie franziu a testa.

— Hum... Agora eu sei. Então é isso que você pretende fazer quando se formar? Rastejar por pântanos de turfas procurando corpos?

Jessica deu de ombros.

— Talvez.

— Vou dar para você de presente de formatura um macacão de proteção — brincou Charlie, e olhou o relógio. — Hora de ir! Me deseje sorte. — Deu uma conferida no espelho pendurado atrás da porta, jogando o cabelo para trás. — Estou um trapo.

— Está ótima. — Jessica assentiu, encorajando.

— Eu tenho feito abdominais — explicou Charlie, meio sem jeito.

— Hã?

— Esquece.

Charlie pegou a mochila e se encaminhou para a porta.

— Vai lá e acaba com ele! — gritou Jessica quando Charlie já estava de saída.

— Não sei como fazer isso! — retrucou ela, deixando a porta bater antes mesmo de terminar a frase.

Charlie o avistou ao se aproximar da entrada principal do campus. John estava recostado à parede lendo um livro. O cabelo castanho, bagunçado como sempre, e usava uma calça jeans e camiseta azul, mais casual do que da última vez em que ela o vira.

— John! — chamou Charlie, a relutância evaporando assim que colocou os olhos nele, que fechou o livro, abriu um sorriso e foi depressa ao encontro dela.

— E aí, Charlie? — cumprimentou.

Os dois ficaram ali parados, meio constrangidos, e então Charlie abriu os braços para abraçá-lo. Ele a segurou bem forte por alguns instantes e depois, abruptamente, soltou.

— Você está mais alto — disse ela com ar acusatório, e ele riu.

— Estou mesmo — admitiu, e olhou para ela, como se a analisasse. — Mas você não mudou nada — afirmou, com um sorriso intrigado.

— Cortei o cabelo! — corrigiu Charlie, fingindo estar ofendida.

Ela passou os dedos pelas mechas para comprovar.

— Ah, é! — exclamou ele. — Gostei. Mas o que quis dizer foi que você está exatamente como eu lembro.

— Eu tenho feito abdominais — explicou ela, entrando em pânico.

— Hã? — John lhe lançou um olhar confuso.

— Deixa pra lá. Você está com fome? Minha próxima aula só começa daqui a uma hora, mais ou menos. Podíamos comer um hambúrguer. O refeitório não fica muito longe daqui.

— Sim, seria ótimo — concordou John.

Charlie apontou para o outro lado do pátio.

— É por ali. Vamos.

— Então... O que você está fazendo aqui? — perguntou Charlie quando os dois se sentaram à mesa com suas bandejas.

— Desculpa. Fui grosseira?

— Não, não, nada grosseira, embora também caísse bem um “John, a que devo o prazer desta deliciosa visita?”.

— É, eu super falaria isso — disse Charlie, seca. — Mas, sério, o que você está fazendo aqui?

— Arrumei um emprego.

— Em St. George? Por quê?

— Em Hurricane, na verdade — explicou ele, com um tom propositalmente casual.

— Você não está estudando?

John ruborizou diante daquela pergunta e ficou olhando para o prato por um instante.

— Eu pretendia, mas... custa um dinheirão comprar livros, quando se pode usar o cartão da biblioteca de graça, sabe? Meu primo me arrumou um emprego na área de construção civil, e, quando posso, escrevo meus textos. Me dei conta de que, mesmo que eu queira ser um artista, não preciso passar fome. — Ele deu uma mordida no hambúrguer para ilustrar o que estava dizendo, e Charlie sorriu.

— Então por que você está aqui? — insistiu ela, e ele levantou o dedo enquanto terminava de mastigar.

— A tempestade — respondeu John.

Charlie assentiu. A tempestade atingira Hurricane antes de Charlie chegar a St. George, e as pessoas se referiam a ela como “A tempestade”. Não foi a pior que passara pela região, mas quase isso. Um tornado tinha aparecido do nada e varrido cidadezinhas inteiras, destruindo uma casa com uma precisão sinistra, enquanto deixava a casa vizinha intocada. St. George não sofrera muitos prejuízos, mas Hurricane fora, de fato, destruída.

— Como ficou a cidade? — perguntou Charlie, mantendo um tom de voz despreocupado.

— Você não foi lá ver? — retrucou John, incrédulo, e dessa vez foi Charlie quem desviou o olhar, constrangida, depois balançou a cabeça. — Está bem ruim em alguns pontos. Principalmente no subúrbio. Charlie... eu achei que você tivesse pelo menos passado lá.

Ele mordiscou o lábio.

— O que foi?

Algo na expressão dele estava deixando Charlie preocupada.

— A casa do seu pai foi uma das atingidas — contou John.

— Ah... — Sentiu um aperto no coração ao ouvir aquilo. — Eu não sabia.

— Você não foi lá nem dar uma olhada?

— Nem pensei nisso — disse ela.

*Mentira.* Ela havia pensado mil vezes em voltar. Mas nunca lhe havia ocorrido que justo a casa dele poderia ter sido atingida pela tempestade. Na cabeça de Charlie, a casa era inatingível,

imune ao tempo e a mudanças. Sempre estaria ali, cada detalhe do jeitinho que seu pai tinha deixado. Charlie fechou os olhos e a imaginou. Os degraus da frente envergados pelo abandono, mas a casa em si intacta, feito uma fortaleza, protegendo tudo o que havia dentro.

— Ela... se foi? — indagou Charlie, a voz fraca.

— Não — respondeu John, depressa. — Não, ela ainda está de pé, mas um pouco destruída. Não sei o tamanho do estrago, só passei por lá de carro. Achei que eu não deveria ir lá sem você, sabe?

Charlie assentiu, distraída. Era como se estivesse bem longe dali. Estava vendo John, ouvindo-o, mas havia uma espécie de barreira entre os dois, entre ela e tudo mais, separando-a de tudo, menos da casa.

— Eu imaginei que... A sua tia não contou o que aconteceu?

— Tenho que ir para a aula — disse Charlie. — É por ali. — Ela gesticulou vagamente.

— Charlie, como *voce* está?

Charlie não olhou para o amigo, nem mesmo quando ele segurou as mãos dela. Não queria que John visse seu rosto.

— Bem — respondeu ela, afastando a mão do toque dele e dando de ombros várias vezes como se estivesse tentando tirar algo das costas. — Foi meu aniversário — disse ela, enfim olhando para ele.

— Desculpa por não ter lembrado — disse John.

— Não, não, isso não é... — Ela inclinou a cabeça para um lado e para outro, como se assim fosse capaz de equilibrar os pensamentos também. — Você lembra que eu tinha um irmão gêmeo?

— Como assim? — John pareceu intrigado. — Claro que lembro. Me desculpa, Charlie, era disso que você estava falando?

Ela assentiu, da forma mais discreta possível. John tornou a estender a mão, e ela a segurou. Conseguia sentir a pulsação dele em seu polegar.

— Desde que fomos embora de Hurricane... Você sabia que gêmeos têm uma conexão, uma espécie de ligação especial?

— Claro.

— Desde que fomos embora, desde que descobri que tive mesmo um irmão, senti como se ele estivesse comigo. Eu sei que não está. Ele morreu, mas, durante aquele ano inteiro, não me senti mais sozinha.

— Charlie. — John apertou a mão dela. — Você sabe que não está sozinha.

— Não, quis dizer que não estava sozinha *mesmo*. Como se existisse outra Charlie: alguém que é parte de mim e que está sempre comigo. Já tive essa sensação antes, mas ia e voltava, e eu não dava muita bola. Não sabia que significava alguma coisa. Então, quando descobri a verdade e aquelas lembranças começaram a vir à tona... John, eu me senti *completa* de um jeito que não sei nem descrever. — Seus olhos começaram a se encher de lágrimas, e ela soltou a mão dele para enxugá-las.

— Ei — disse John, com um tom gentil. — Está tudo bem. Isso é muito bom, Charlie. Nem imagina o quanto fico feliz por você se sentir assim.

— Não, aí é que está. Eu não sinto mais! — Charlie encarou John, desesperada para que o amigo entendesse o que ela, tão sem jeito, tentava lhe dizer. — Ele desapareceu. Aquela sensação de preenchimento se foi.

— Como assim?

— Foi no meu aniversário. Eu acordei e simplesmente me senti... — Ela deu um suspiro, procurando a palavra certa. Não havia como dizer.

— Sozinha?

— Incompleta. — Charlie respirou fundo, tentando se recompor. — Mas a questão é que não se trata apenas de uma perda. É como... É como se ele estivesse preso em algum lugar. Tenho sonhos em que consigo *senti-lo* do outro lado de uma barreira, como se ele estivesse bem perto de mim, mas preso em algum lugar. Como se ele estivesse numa caixa, ou eu. Não sei explicar.

John ficou olhando para ela, sem palavras por alguns instantes. Antes que ele pudesse pensar no que dizer, Charlie se levantou de repente.

— Eu tenho que ir.

— Tem certeza? Você nem comeu nada.

— Desculpa... — Charlie parou de falar de repente. — Foi bom ver você.

Charlie hesitou e, em seguida, virou-se para ir embora, possivelmente para sempre. Sabia que o desapontara.

— Charlie, você quer sair comigo hoje à noite? — O tom de John era tenso, mas o olhar era afetuoso.

— Claro, seria ótimo — aceitou ela, abrindo um meio sorriso. — Mas você não tem que voltar a trabalhar amanhã?

— Fica só a meia hora daqui — explicou John, e pigarreou. — Mas eu perguntei se você quer *sair* comigo.

— Acabei de dizer que quero — repetiu Charlie, ficando irritada.

John suspirou.

— Estou chamando você para um encontro, Charlie.

— Ah... — Charlie o encarou por um momento. — Certo.

— *Você não é obrigada a nada.* A voz de Jessica não parava de ecoar em sua mente. E, ainda assim... ela se deu conta de que estava sorrindo.

— Hum, sim. Sim, um encontro. É, tudo bem. Tem algum cinema na cidade? — arriscou ela, com uma vaga lembrança de que as pessoas costumavam marcar encontros no cinema.

John assentiu com firmeza, dando a impressão de estar tão perdido quanto ela, agora que o convite havia sido aceito.

— Podemos sair para jantar primeiro? Tem aquele restaurante tailandês no fim da rua. Posso encontrar você lá umas oito horas?

— Sim, boa ideia. Até mais!

Charlie pegou a mochila e saiu apressada do refeitório, percebendo, assim que deu de cara com a luz do sol, que deixara a mesa suja para ele limpar sozinho. *Foi mal.*

À medida que Charlie atravessava o pátio rumo à próxima aula, seus passos foram ficando mais decididos. Era ciência da computação básica. Programar códigos não era tão empolgante quanto o que a professora Treadwell ensinava, mas mesmo assim Charlie gostava. Era um trabalho envolvente, minucioso. Um único erro poderia arruinar tudo. *Tudo?* Ela pensou no encontro iminente. De repente, a ideia de que um único erro poderia arruinar tudo passou a carregar um peso enorme.

Charlie subiu correndo os degraus do prédio, mas parou no meio do caminho, quando um homem bloqueou sua passagem.

Era Clay Burke.

— Oi, Charlie.

Ele sorriu, mas seu olhar era ameaçador. Charlie não via o delegado de Hurricane, pai do seu amigo Carlton, desde a noite em que escaparam juntos da Freddy's. Ali, olhando o rosto envelhecido do homem, a garota sentiu uma onda de medo incontrolável e se forçou a falar:

— Sr. Burke... Hum... Clay. O que está fazendo aqui?

— Charlie, podemos conversar?

O coração dela acelerou.

— O que houve? Carlton está bem? — perguntou, com certo desespero.

— Sim, pode ficar tranquila, ele está bem — garantiu Burke.

— Mas, por favor, venha comigo. Não se preocupe com o atraso. Eu lhe darei um atestado para a aula. Ao menos *acho* que um agente da lei tem autoridade para isso. — Ele deu uma piscadela, mas Charlie não sorriu.

Havia alguma coisa errada.

Charlie desceu a escada com ele. Quando estavam um pouco afastados do prédio, Burke parou e, como se procurasse algo, a encarou.

— Charlie, encontramos um corpo. Quero que você dê uma olhada.

— Você quer que *eu* dê uma olhada num corpo?

— Preciso que você veja.

*Eu.* A única coisa que Charlie conseguiu dizer foi:

— Por quê? Tem alguma coisa a ver com a Freddy's?

— Não quero revelar nada antes que você veja com os próprios olhos — explicou Burke.

O policial voltou a andar, e Charlie apertou o passo para acompanhá-lo. Ela o seguiu até o estacionamento, que ficava

logo na saída do portão principal, e entrou no carro dele sem dizer nada.

Enquanto se acomodava no banco, um medo estranho tomou conta dela. Clay Burke olhou para Charlie, que assentiu discretamente mas com firmeza. O homem pegou a estrada, e os dois partiram para Hurricane.